



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

5. DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE

RECIFE, 26 DE SETEMBRO DE 1965.

NO DISTRITO DO CABO, NO ATO INAUGURAL DA FABRICA DE BORRACHA SINTETICA DA COPERBO.

Senhor Governador:

Em mais de uma oportunidade, ao tratar do problema da multiplicação e desenvolvimento da iniciativa privada, como base de nossas instituições políticas, acentuei o propósito do Governo no sentido de uma crescente democratização do capital das empresas. Nem outro poderá ser o caminho numa sociedade que aspira a progressiva melhoria dos cidadãos e deles reclama participação cada vez maior nos grandes empreendimentos nacionais.

Creio, portanto, não precisar dizer mais para compreenderdes quanto me compraz, ao inaugurar este grande empreendimento, verificar que, justamente à entrada desta fábrica extraordinária, estão inscritas algumas adequadas palavras que nos dão conta de nos depararmos com uma empresa do povo, e onde, de forma democrática, se inicia a industrialização de Pernambuco. São, pois, os meus votos por que em muitas outras portadas do trabalho pernambucano possamos, justamente, fazer gravar idéia semelhante.

Na realidade, para levar a cabo iniciativa de tão grande porte, e cuja realização devemos, principalmente, ao Governo do Estado de Pernambuco, foi imprescindível o concurso de recursos provenientes de várias fontes, nacionais e estrangeiras, a começar pelo entusiasmo com que à iniciativa se associou a própria economia dos pernambucanos. Também capitais de outras regiões para aqui acorreram em busca dos benefícios concedidos pelo imposto de renda, somando-se ao vultoso financiamento do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico. E, para perfazer a apreciável

parcela de 16 milhões de dólares em moeda estrangeira, uniram-se o Comptoir D'Escompte, o Banco Interamericano e a AID, que desse modo tornaram possível a realização de largo alcance para a economia regional e nacional, quer pela absorção de matéria prima proveniente da cultura canavieira de Pernambuco e Alagoas, quer pelo que significará de poupança para a nossa balança de pagamentos. E isso sem falar no que representará no sentido da instalação de numerosas indústrias que encontrarão na Coperbo a matéria prima necessária e acessível para novos produtos.

Mas, se cabe louvar e enaltecer o empreendimento que ora tenho a honra de inaugurar e que tanto contribuiu para a industrialização do Nordeste, convém também não esquecer que a iniciativa de agora está bem longe de representar fato isolado na vida e no progresso atual da região. Pelo contrário, é apenas um marco, embora grandioso, e ao qual se irão juntar muitos outros, graças ao trabalho dos organismos governamentais e da crescente confiança reconquistada junto aos investidores nacionais e estrangeiros, que já se não dispõem a emigrar, visto não mais estarem temerosos da avassaladora desvalorização da moeda e da inquietante agitação social.

Se nos detivermos, por exemplo, no exame do trabalho desenvolvido pela SUDENE, principal instrumento do Govêrno na redenção do Nordeste, não custa verificar quanto são extraordinários e animadores os números que nos propicia e que representam vivo contraste com as rudes perspectivas de estagnação e decadência que brotam assustadoramente dos objetivos políticos que lhe marcaram a existência na fase anterior à Revolução de 31 de março. É que, de acôrdo com as normas seguidas pelo atual Govêrno, ela não conhece e não tem outra política senão a de abrir caminho para as sofridas populações do Nordeste, tão admiráveis na energia, na capacidade e no amor à terra.

Daí os índices verdadeiramente alentadores hoje constatados em relação ao progresso industrial do Nordeste, que se tornou, graças a um conjunto de medidas financeiras patrocinadas pelo Govêrno, na região em maior desenvolvimento. Não se imagine, porém, que tudo decorre das leis, muitas das quais já existiam anteriormente. O que se tem conquistado é, principalmente, devido

a um trabalho diuturno, bem orientado, e para o qual contribui, com real entusiasmo, uma valorosa equipe de técnicos e funcionários, todos êles imbuídos da convicção de estarem construindo um futuro melhor para muitos milhões de brasileiros. Contudo, mais eloqüente do que as palavras são as cifras que nos oferece a SUDENE nos oito primeiros meses do corrente ano, e no qual assinou 160 convênios, que representarão o investimento de cerca de 50 bilhões de cruzeiros. O que significa que a atual administração da SUDENE assinou mais convênios do que tôdas as anteriores. E ao passo que em 1963 haviam sido desembolsados para aplicação em programas de desenvolvimento do Nordeste apenas 16 bilhões de cruzeiros, sômente nos oito meses de 1965 tal cifra subiu para 41 bilhões, que, embora se destinem na sua maior parte para os empreendimentos vinculados à infra-estrutura, oferecem apreciáveis parcelas para a agricultura e pesca, recursos humanos e recursos naturais. Convém mesmo acentuar que, depois de tão empenhada no progresso industrial, já cuida a SUDENE de voltar-se para a agricultura e a pecuária, que desfrutarão de idênticos benefícios fiscais, na certeza de que poderão ser iniciativas tão compensadoras quanto a indústria.

O importante, porém, é que já se logrou modificar o ritmo do desenvolvimento do Nordeste, e esta é sem dúvida uma das tarefas em que mais se tem empenhado o atual Governo. Assim, enquanto, em 1964, para uma aplicação autorizada de seis bilhões liberaram-se apenas três bilhões, em 1965, para autorizações num montante de sete bilhões, já foram liberados cinco bilhões. É, pois, visível o ritmo crescente de um ano para outro, sendo de esperar uma constante aceleração, tais as medidas no sentido de que as solicitações e projetos não mais permaneçam no papel, para desenganos que pretendem inverter capitais no Nordeste. Assim, decididamente, e como bem o testemunha o magnífico empreendimento ora inaugurado, caminhamos rapidamente na construção de um Novo Nordeste, no qual o trabalho e não o desespero seja o caminho seguro para o dia de amanhã.

Aliás, a ocasião não é apenas propícia para que nos limitemos a lembrar a industrialização regional. É perfeitamente oportuno também ferir o tema da industrialização nacional, tão vital no

panorama do desenvolvimento do País. Podemos mesmo afirmar que o Brasil tem natural vocação industrial, tal o conjunto de fatores que o impelem nesse sentido. Inicialmente, para lhe absorver a produção, aí está um mercado interno, que, principalmente no futuro, deverá alcançar grande dimensão; extraordinariamente variados são os recursos naturais, que o Plano Decenal de Pesquisas há pouco instalado deverá enriquecer com descobertas novas; e acentuada é a capacidade do povo para absorver a moderna tecnologia. Assim, mais do que uma vocação, a nossa industrialização é uma exigência, sobretudo, para oferecer trabalho à população jovem do País, e que jamais poderá encontrar na agricultura, onde é cada vez menor o emprêgo da mão de obra, o mercado de emprêgo de que necessita.

Não que a indústria deva ser um embaraço à agricultura, pois na verdade são atividades complementares e não competitivas. Sem uma agricultura próspera, o desenvolvimento industrial estancará por falta de mercados, bem como pela insuficiência de matérias primas, a escassez de divisas e o alto custo, que decorrerá da inflação conseqüente à penúria dos produtos agrícolas. Por isso mesmo, ao enumerar há pouco as beneméritas iniciativas da SUDENE, tive ocasião de incluir a deliberação de animar e amparar a agricultura, cuja prosperidade é inseparável da prosperidade da indústria.

Esta, aliás, está a braço com vários desafios, que deve e precisa enfrentar. Em primeiro lugar, cabe-lhe ampliar o mercado interno, não pelo artifício da inflação, mas pelo método duradouro da racionalização da produção, com a redução dos custos e padronização de modelos acessíveis ao consumo das massas.

Urge em seguida pensarmos na criação de mercados externos, seja na Área de Livre Comércio da América Latina, seja em campo mais vasto. É encorajador, a êsse respeito, registrar o surto de nossas exportações de manufaturas. Em 1964 elas se expandiram de 83% em relação a 1963. E nos primeiros sete meses d'êste ano, segundo dados ainda preliminares, a ampliação foi de 124% relativamente a igual período do ano anterior.

Há mister finalmente que a indústria abandone vícios inflacionários de longa duração, traduzidos em despreocupação com custos e eficiência e contínuas remarcações de preços.

Estamos agora penosamente reaprendendo lições que a experiência dos países industrializados nos ensina. É que a inflação pode trazer ao industrial uma euforia momentânea, mas a longo prazo destruirá as bases do desenvolvimento industrial. Estamos reaprendendo, conversamente, as vantagens da estabilidade de preços para o verdadeiro desenvolvimento industrial.

Em primeiro lugar, num ambiente de estabilidade, será mais fácil planejar investimentos, sem a vertiginosa destruição dos orçamentos pela dança de preços e custos, que impede a conclusão de obras auspiciosamente iniciadas. Em segundo lugar, havendo menos oportunidades para aplicações especulativas será mais fácil obter recursos no mercado para investimentos produtivos, a um custo mais baixo de dinheiro. Em terceiro lugar, torna-se possível obter créditos externos para as importações indispensáveis à expansão industrial.

O Governo não tem medido esforços para estimular o desenvolvimento industrial. Propôs e obteve medidas legislativas de estímulo a investimentos, dando benefícios fiscais para a compra de ações, facilitando a reposição de equipamento, reorganizando o mercado financeiro, reconstruindo o crédito externo e delimitando claramente o campo de ação estatal, para deixar à iniciativa privada ampla liberdade em todos os campos onde inexistia monopólio legal do Estado. Foram criados fundos especiais exclusivamente destinados ao desenvolvimento industrial, como o FINAME, para financiar a indústria mecânica, o FIPEME, do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, e o Fundo Industrial da CREA, dedicados exclusivamente a facilitar o desenvolvimento da pequena e média indústria, o FUNDECE para fornecer capital de giro e democratizar o capital das empresas, o FINEP para financiar a elaboração de novos projetos. Particularmente encorajador é notar o vigor da expansão planejada das pequenas e médias indústrias, tão essenciais numa economia democrática que deseja evitar excessiva concentração de poder econômico. Apesar de estar em funcionamento há apenas três meses, o FIPEME já recebeu 193 proje-

tos e aprovou operações no valor de 13,5 bilhões de cruzeiros em pequenas e médias indústrias. Para êsses diversos fundos industriais, temos obtido valioso auxílio externo, sendo 84 bilhões de cruzeiros da Aliança para o Progresso, 50 bilhões do Banco Interamericano e mais recentemente 39 bilhões de cruzeiros do Fundo Alemão de Desenvolvimento, dos quais aproximadamente 22 bilhões destinados à pequena e média indústria do Nordeste.

O ressurgimento da confiança no desenvolvimento industrial brasileiro se manifesta também na retomada do ingresso voluntário de capitais estrangeiros destinados à industrialização. Em 1964 êsses investimentos e financiamentos se cifraram em 164 milhões de dólares, em 1965 o movimento de registro de capitais, somente de janeiro a abril, no Banco Central, atingiu um montante de autorização correspondente a 186 milhões de dólares.

Na última década, a força propulsora da industrialização se concentrou na substituição da importação de material de transporte, de bens duráveis de consumo e de produtos da indústria mecânica e elétrica. Nos anos vindouros, além da contínua expansão da siderurgia, exemplificada na inauguração do segundo forno da USIMINAS e do início de operação da COSIPA, assim como da indústria mecânica e elétrica, devemos voltar nossa atenção para setores ainda deficientes, e por isso mesmo merecedores de prioridades. Dentre êstes avultam a indústria química de base e a petroquímica, a metalurgia de não ferrosos, particularmente alumínio, cobre e zinco, a produção de aços especiais, para não falar no impulso que é imprescindível dar à indústria de telecomunicações, tão retardada entre nós pela demagogia tarifária. Na metalurgia de não ferrosos começam a surgir alguns projetos de vulto no campo do alumínio, com investimentos planejados superiores a 50 milhões de dólares.

A petroquímica recebeu notável impulso com a clara definição da política do Governo em favor da participação da iniciativa privada nesse importante setor, que abrange a produção de fertilizantes vitais para a nossa agricultura. Folgo em registrar que nos últimos 4 meses, após a criação do Grupo Executivo da Indústria Química e a formulação de claras diretrizes para a petroquímica, já foram apresentados nada menos de 26 projetos industriais num

valor de 121 bilhões de cruzeiros, acrescidos de 29 milhões de dólares em equipamentos importados.

Projetos dos quais já foram aprovados 10, representando um investimento de 54 bilhões de cruzeiros, exclusivamente pela iniciativa privada nacional e estrangeira. Que melhor desmentido ao pessimismo daqueles que, habituados às ilusões da inflação, não conseguem distinguir entre o que é esforço de estabilização e marasma da estagnação? São os mesmos que confundiam a aventura inflacionária com a marcha segura do desenvolvimento. Mas, o Brasil bem sabe hoje o alto preço que o povo tem sido obrigado a pagar para que o País pudesse salvar-se da anarquia financeira que o levou à beira do caos e da bancarrota.

Por isso mesmo, ao inaugurarmos empreendimento como este, que ora se abre para a prosperidade de toda uma região, fazêmo-lo com a confiança de quem tem a segura convicção de que o Brasil não será detido pelo pessimismo daqueles que, em vez do bem-estar do povo, eram orientados pelo objetivo da subversão ou os proventos da corrupção. O povo, que tanto sofreu e ao qual tanto enganaram, já os repudiou. E, confiante diante de obras como esta, volta-se para o futuro, que deseja, como nós desejamos, melhor do que o passado.

É, pois, com patriótico entusiasmo que, em nome do Governo da República, e no meu próprio, congratulo-me com todos aqueles, desde os mais elevados até os mais modestos trabalhadores, que ajudaram a construir alguma coisa que por muito tempo será motivo de orgulho para os brasileiros.